

# Falta de recursos para o longo prazo

Se alguém lhe oferecesse um pedaço de papel que você pudesse trocar pelo que quisesse, quando quisesse e onde quisesse, que pudesse se transformar em comida, teatro, viagem, férias ou ficar guardado como potência e sonho, você acreditaria? Não parece promessa do gênio da lâmpada, história das mil e uma noites? Entretanto, esse pedaço de papel - com ilustrações em cores suaves, assinado pelo presidente do Banco Central e pelo ministro da Fazenda - lhe permite realizar isso tudo. Ele é a base da sociedade em que vivemos.

A vida moderna, quer dizer, a nossa vida nos últimos 700 anos, baseia-se, principalmente, nesse pedaço de papel e, por causa dele, as pessoas mentem, traem e matam. Vale a pena assistir ao filme *Cidade de Deus*, que parece ser sobre crime e drogas, mas, na verdade, é sobre dinheiro. Somos livres por causa dele, que é o passaporte da nossa liberdade. Uma organização (qualquer uma) tem como papel fundamental transformar certos investimentos e gastos com recursos (como talentos, processos, tecnologias...) em ganhos (resultados) de maior valor e, portanto, só tem direito de existir se ganha mais do que gasta. Mas, ter perenidade não é assim tão simples, pois a maioria das organizações que existiu um dia não existe mais. Por isso é que, pensando eticamente, a primeira responsabilidade social de qualquer empresa consiste em ser bem-sucedida como tal.

Antiético é dar prejuízo. Assim, a discussão ética sobre o lucro deve ser canalizada mais para o como ele está sendo obtido e como está sendo aplicado, jamais sobre ele em si. Isso significa que é a hora e a vez de resgatar o lucro como direito de quem investe e obrigação de quem administra. Mas, preste atenção: lucro não é a única finalidade de uma organização - é sua justificativa ética. A finalidade da empresa é aumentar o seu "valor" (para seus públicos relevantes: comunidade, acionistas, colaboradores...). E dinheiro é a métrica que revela se ela está aplicando seu talento para incorporar "valor" aos recursos que utiliza.

Portanto, o aumento do seu "valor" é a finalidade da empresa. Dinheiro é a métrica. Por isso, a tarefa dos gestores não significa somente "ir em frente, tocando a vida", porque a perenidade das organizações está atrelada também ao futuro que, por sua vez, se molda na inovação e na estratégia. Mas, se isso é procedente, por que as organizações (em geral) não vinculam o orçamento à implementação da estratégia? Ou, ainda, por que a alocação de capital e o financiamento de projetos, na maior parte delas, são baseados em orçamentos e critérios financeiros de curto prazo, ao invés da estratégia de longo prazo? Quais são as principais razões? Falaremos delas na *Linha Direta* de setembro! ■



**Carlos Pessoa**  
Professor e especialista em  
Negociação e Gestão estratégica  
[www.carlospessoa.com.br](http://www.carlospessoa.com.br)